

MOBILIZAÇÃO SOCIAL ONLINE DA APP-SINDICATO

[ARTIGO]

Caroline Kraus Luvizotto
Fábio Alves Silveira
Kátia Viviane da Silva Vanzini
Priscila Santana Caldeira

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Este artigo analisa como a APP-Sindicato (Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná) utilizou as plataformas *online* Facebook, YouTube e o website da entidade para divulgação de suas demandas e da mobilização social durante a greve dos professores do Paraná em 2015, avaliando se as iniciativas são apresentadas de forma integrada e se buscam incentivar a participação popular em suas ações. Além da revisão bibliográfica acerca dos principais conceitos que envolvem a temática, fizemos uso da análise descritiva e examinamos a utilização das plataformas. A análise indica que o uso das plataformas não seguiu um formato integrado de disponibilização, o que indicaria a falta de um plano integrado de gestão de comunicação pública através das mídias sociais e do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação.

Palavras-chave: Movimentos sociais. Mobilização Social. Redes Sociais. APP-Sindicato.

This paper analyzes how the APP-Sindicato (Union of Workers in Public Education of Paraná) used the *online* platforms Facebook, YouTube and the organization's website to publicize their demands and social mobilization during the strike of Paraná teachers in 2015, evaluating whether the initiatives are presented in an integrated way and seek to encourage popular participation in their actions. In addition to the literature review on the main concepts involving the theme we used the descriptive analysis and we examine the use of platforms. The analysis indicates that the use of platforms not follow an integrated format available, which indicates the lack of an integrated plan of public communication management via social media and the use of Information and Communication Technologies.

Keywords: Social Movements. Social Mobilization. Social Networking. APP- Sindicato.

En este artículo se analiza cómo el APP-Sindicato (Sindicato de los Trabajadores en Educación Pública de Paraná) utiliza las plataformas en línea de Facebook, YouTube y la página web de la organización para dar a conocer sus demandas y su movilización social durante la huelga de los maestros de Paraná en 2015, evaluando si estas iniciativas se presentan de una manera integrada y tratan de incentivar la participación popular en sus acciones. Además de la revisión de la literatura sobre los principales conceptos relacionados con el tema, hacemos uso del análisis descriptivo y examinamos el uso de esas plataformas. El análisis indica que el uso de las plataformas nombradas no sigue un formato integrado disponible, lo que indica la falta de un plan integral de gestión de la comunicación pública a través de los medios sociales y del uso de las Tecnologías de Información y Comunicación.

Palabras clave: Movimientos sociales. La movilización social. Redes Sociales. APP-Sindicato.

INTRODUÇÃO

A participação social é uma ação coletiva que possui em sua gênese uma série de características, dentre as quais, podemos destacar suas estratégias de ação, sua organização, a historicidade, os laços e identidades compartilhadas. Essas características, somadas a um projeto de sociedade é que levam os atores sociais a se aproximarem de ações coletivas e atuarem ativamente ou ocasionalmente junto aos movimentos sociais, aos espaços de deliberação política e aos mais diversos contextos onde se faz necessária uma ação democrática e cidadã.

Muitas ações de caráter político-social se fortaleceram e se potencializaram à medida que a internet deu suporte a elas, utilizando sua arquitetura em rede para disseminar informação e promover a discussão coletiva. Portanto, compreende-se a importância fundamental da internet como ferramenta para disseminação de conteúdos informacionais de caráter político e social, bem como, enquanto suporte para organizar ações coletivas.

Segundo Rothberg et. al (2014, p. 229), as ações sociais coletivas podem ser consideradas “sadias dentro de um ambiente político e social plural como o brasileiro e projetam atores políticos que passam a exigir do poder público a efetivação de direitos civis, políticos e sociais garantidos por lei”. Trata-se de um componente advindo do amadurecimento das democracias.

A comunicação é um ponto importante para os movimentos sociais do século XXI. Castells (2013, p. 162) lembra que a comunicação “em ampla escala” passou por

transformações profundas, tanto do ponto de vista tecnológico, quanto organizacional nos últimos anos. As novas tecnologias propiciam o surgimento de um fenômeno de “autocomunicação de massa, baseada em redes horizontais de comunicação multidirecional, interativa, na internet e mais ainda, nas redes de comunicação sem fio”.

Essas tecnologias permitem que os movimentos sociais tenham a oportunidade de fazer a sua própria mídia, já que a mídia comercial, assim como os governos e outras instituições, também são objeto de desconfiança desses movimentos. A possibilidade da tecnologia sem fio, as facilidades criadas pelas redes sociais, possibilitaram não só a produção de conteúdos próprios, mas também de distribuição desses conteúdos pelos cidadãos envolvidos nas mobilizações, dispensando o papel da imprensa e da mídia como mediadores do diálogo com a sociedade. O movimento 15M da Espanha, por exemplo, ao não aceitar a presença de “intermediários fossem eles políticos, midiáticos ou culturais”, possibilitou com que todos falassem por si mesmos (CASTELLS, 2013, p. 99). Além da produção de conteúdo ser mobilizada pelos líderes do movimento, os próprios ativistas produzem materiais, inclusive como forma de autodefesa. A possibilidade de usar telefones celulares tanto para criar imagens quanto para veiculá-las em tempo real ou quando muito, com segundos ou minutos de diferença com relação aos acontecimentos, foi usada como forma de proteção contra a violência policial.

As TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação estão sendo usadas com frequência pelos movimentos sociais, não apenas como plataformas de divulgação, mas também de mobilização e organização

de suas ações. Como exemplo recente, podemos destacar a APP-Sindicato, que representa professores e servidores da rede estadual de ensino do Paraná e utilizou vídeos compartilhados no YouTube, notícias disponibilizadas no website da entidade e informações divulgadas em sua página oficial no Facebook, durante a greve dos professores e servidores da rede estadual de ensino no início do ano de 2015.

As ferramentas web 2.0 estão organizando e fomentando o desenvolvimento de novas mídias digitais e redes sociais virtuais, à medida que são reduzidos os custos da mobilização de atores sociais. A ação política através das tecnologias “torna-se mais barata, rápida e por consequência mais acessível a grupos que não fazem parte do sistema político institucionalizado”, segundo Pereira (2011, p. 14).

Este artigo analisa como a APP-Sindicato utilizou as plataformas *online* Facebook, YouTube e o website da entidade para divulgação de suas demandas e da mobilização social durante a greve dos professores e servidores públicos da educação do Paraná em 2015, avaliando se as iniciativas são apresentadas de forma integrada e se buscam incentivar a participação popular em suas ações.

Utilizamos a análise descritiva e exploratória das três plataformas de divulgação da APP-Sindicato com maior frequência de atualizações. Por meio de Análise de Conteúdo, foi possível analisar em quais das plataformas a entidade dá maior visibilidade às suas ações. Através da análise descritiva, foram avaliadas as postagens nas redes sociais mencionadas e no portal da entidade entre os dias 27 de abril a 29 de maio de 2015, período marcado por

diversas manifestações contra projeto de lei do Governo Estadual que previa alterações no regime previdenciário do funcionalismo público. Para tanto, apresentamos a análise das postagens do dia 29 de abril, conhecido como o dia do “Massacre do Centro Cívico”. O artigo também apresenta a revisão da literatura pertinente para dar suporte teórico à discussão.

Inicialmente apresenta-se a conceituação de movimentos sociais circunstanciando sua atuação *online* e *offline* e destacando o papel da internet para a organização, disseminação e mobilização dos movimentos sociais. Também são apresentados conceitos e características das redes sociais digitais para embasar a discussão sobre as principais plataformas *online* utilizadas pela APP-Sindicato. Essas plataformas *online* Facebook, YouTube e website da entidade, são analisadas principalmente no que se refere às postagens do dia 29 de abril. Esperamos que este estudo contribua para a discussão mais ampla sobre movimentos sociais, mobilização social e redes sociais, salientando a importância da integração das diversas plataformas no decorrer das ações sociais.

2. MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS: ENTRE O ONLINE E O OFFLINE

Participação tem um sentido amplo e é persistente na gênese dos movimentos sociais e da mobilização social. Ela pode ser cultural, social ou política. Shirky (2011, p. 25) afirma que participar é “agir como se sua presença importasse, como se, quando você

vê ou ouve algo, sua resposta fizesse parte do evento”. Para Bordenave (1983, p. 23) “participação é fazer parte, tomar parte ou ter parte”. Para ele, de nada adianta “fazer parte” sem “tomar parte”, como por exemplo, alguém que faz parte de um grupo, mas não toma parte das decisões do grupo. A participação está ligada à atividade e ao engajamento. A participação seria inata ao ser humano devido às suas necessidades criativa e racional e a democracia seria um estado da participação (BORDENAVE, 1983). Para Demo (1996, p. 19-20) “participação supõe compromisso, envolvimento, presença em ações por vezes arriscadas e até temerárias”. Nesse sentido, podemos afirmar que o exercício da cidadania passa diretamente pela participação de um povo e suas demandas.

A participação da APP-Sindicato durante as manifestações contra a proposta do governo de alteração do regime previdenciário teve como principal característica a tentativa de organizar o movimento social. Souza (2008, p. 9) conceitua movimentos sociais como “conjunto de manifestações coletivas organizadas, com duração de tempo significativo, um determinado Estado, ou mesmo ações coletivas de caráter global, a exemplo do Fórum Social Mundial”. A atuação dos movimentos sociais ocorre em diversas esferas, inclusive na mídia. Novos saberes são construídos pelas classes subalternas por meio da utilização de rádios comunitárias, jornais populares, panfletos, pôsteres e instalações artísticas. Esses setores buscam inserir suas informações nas mídias hegemônicas, de modo a expressar suas visões à opinião pública e conquistar espaço no domínio público.

A busca por mudança é característica do movimento social, que se une aos outros por meio de ações que têm como foco a

transformação do contrato social e a busca por identidade coletiva. Nesse sentido, cabe apresentar a conceituação de Gohn (2006, p. 251) na qual os movimentos sociais são considerados como “ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo político de força social na sociedade civil”.

A autora aponta que suas ações são estruturadas conforme repertórios criados sobre temas e problemas vivenciados pelo grupo na sociedade, desenvolvendo um processo social e político-cultural no qual se cria uma identidade coletiva para o movimento. “Esta identidade é amalgamada pela força do princípio da solidariedade e construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo, em espaços coletivos não-institucionalizados” (GOHN, 2006, p. 251).

Segundo a autora, as redes de comunicação assumem importância para fundamentar a esfera pública alternativa, além do fato de construir as bases dos movimentos sociais. Para Gohn (2008, p. 38), algumas características dos movimentos sociais demarcam profundamente a sua “capacidade de transformar atores sociais em sujeitos sociopolíticos, coletivos, construtores de suas histórias”. Ela se refere à habilidade que os movimentos sociais têm de “realizar alianças, de se inserir em redes, de realizar parcerias, de articular-se com outros movimentos com princípios e valores similares, e outras ações expressas no agir político de um movimento” (GOHN, 2008, p. 38).

Assim, o desejo de mudança e transformação social é formatado nos projetos

políticos, os quais se configuram como metas a serem atingidas por um movimento. Segundo Moraes (2010, p. 210), um dos caminhos para a mundialização das lutas sociais é a expansão de redes que façam a ligação de visões de mundo e “deem ressonância a campanhas em prol da democratização da esfera pública”. O conceito de rede, segundo o autor, pode diluir a hierarquização do poder entre os participantes e instituir relações mais horizontalizadas.

As ações dos movimentos sociais podem se manifestar na forma de protestos, greves, manifestações, ocupações de espaços públicos ou privados, podendo usar ou não de violência. Nosso objeto específico, a greve, configura-se como um mecanismo clássico de luta no qual visa reconstruir um novo pacto social em busca da cidadania, não apenas motivada pela obtenção de direitos, mas busca evitar a perda dos já conquistados. À medida que grupos sociais têm seus direitos trabalhistas, civis ou sociais atacados, a greve é reconhecida e legitimada como forma de mobilização social e um exercício de participação política.

Para Young (2001, p. 672), “mais do que o acordo entre aqueles que apoiam as estruturas de poder existentes é necessário confrontá-los em espaços públicos através de manifestações públicas, como passeatas, boicote e outras ações diretas”. Refletindo sobre mobilização social, destacamos Scherer-Warren que apresenta uma organização da sociedade civil mobilizada em três níveis:

- O primeiro nível – associativismo local: movimentos comunitários e as próprias ONGs que lutam por “causas sociais ou culturais do cotidiano” (SCHERER-WARREN, 2006, p. 110). Como exemplo desse nível, a autora

destaca os núcleos dos movimentos sem terra, sem teto, piqueteiros, empreendimentos solidários e associações de bairro.

- O segundo nível – organizações inter-organizacionais: “fóruns da sociedade civil, as associações nacionais de ONGs e as redes de redes” (SCHERER-WARREN, 2006, p. 111), que se articulam para empoderar a sociedade civil. Nesse nível ocorre a mediação necessária para parcerias mais institucionalizadas entre a sociedade e o Estado.
- O terceiro nível – mobilização na esfera pública: a articulação de todos estes atores sociais que buscam algo além da organização institucional conciliatória e partem para grandes manifestações, tendo em vista visibilidade midiática e exercer pressão política (SCHERER-WARREN, 2006, p. 111). Como exemplo do terceiro nível temos a Marcha das Vadias, a Parada do orgulho LGBTT, e as próprias Manifestações de Junho de 2013 no Brasil em um nível ainda mais extremo.

Os recursos e ferramentas tecnológicas de informação foram aprimorados rapidamente, democratizando de maneira inédita o acesso à informação. Com o advento da internet e as ferramentas da web 2.0 a informação deixa de se concentrar na mídia de massa e nos grandes conglomerados midiáticos e se oferece a possibilidade de produção, seleção e interação aos seus usuários, gerando novos conteúdos e fontes de informação. Hoje, ONGs, movimentos sociais e ativistas podem propagar suas ideias para todo o mundo, oferecendo a informação à sua maneira. Agências de notícias alternativas e independentes surgem

para contestar as versões da imprensa tradicional, como é o caso da mídia NINJA, Jack Mídia Independente e diversos blogs e websites contra-hegemônicos.

Esse cenário nos permite debater algumas características dos movimentos sociais contemporâneos como a organização em rede, novos modelos de liderança, processos de organização interna, estratégias de atuação, uso de dispositivos midiáticos e plataformas digitais. Trata-se, portanto, de uma “concepção de liderança descentralizada a partir da construção compartilhada de significados e o uso de meios de comunicação alternativos” (SEGURADO; BACHINI; ARAÚJO, 2015, p. 11).

Segurado, Bachini e Araújo (2015, p. 11), que estudaram o Movimento Passe Livre (MPL), indicam como outra característica dos movimentos contemporâneos a horizontalidade no processo de organização do movimento, cujo processo decisório é baseado no consenso, o que faz com que “cada um de seus membros seja tão importante quanto o outro para a sua existência e estes se viralizam de tal modo que o próprio MPL atualmente não consegue mensurar o seu próprio número de integrantes”.

O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação é outra característica debatida pelos autores com relação aos movimentos com características contemporâneas. Segundo eles, as novas mídias incentivariam formas de participação política, pois “o universo informacional e as movimentações mundiais passaram a ser acessíveis aos usuários contribuindo para o processo de envolvimento político e quebrando o monopólio da informação dos meios de comunicações tradicionais” (SEGURADO; BACHINI; ARAÚJO, 2015, p. 18 – 19).

Os autores acreditam que as novas tecnologias têm o potencial de articular cidadãos preocupados em questões de interesse dos grupos, mas que acabam se unindo sem seguir a tradicional figura da liderança, pois as comunicações adquirem cada vez mais características de comunicação horizontal, com “novas formas de lideranças e organização, mas também identificamos uma assimetria entre essas experiências e a maior parte das situações políticas” (SEGURADO; BACHINI; ARAÚJO, 2015, p. 20).

Partindo da constatação de que os movimentos contemporâneos utilizam as novas tecnologias para mobilizar participantes, divulgar atividades e dar visibilidade às suas ações, é necessário também avaliar o papel dos novos líderes frente a um campo cada vez mais utilizado para a propagação de ideias e posições políticas, o ciberespaço. O ciberespaço faz com que esses líderes políticos ativistas obtenham espaço na sociedade, o que é possível pela interatividade, proximidades e intensidades de relacionamentos, criados e nutridos por meio da tecnologia criando assim novo tipo de poder social.

Os novos líderes políticos da sociedade aplicam estratégias de poder e sociabilidade com várias pessoas de muitas culturas por meio de ferramentas tecnológicas, criando assim uma nova modalidade de ação coletiva. Nesse quadro, as pessoas se organizam em plataformas digitais para contestar ações do Estado, o que pode significar maior capacidade de mediação e um expressivo impacto social e cultural.

Entre as plataformas digitais utilizadas de maneira cada vez mais expressiva pelos movimentos sociais contemporâneos,

as redes sociais figuram como protagonistas, servindo como amplificadores das vozes desses novos atores sociais, fazendo com que ações coletivas locais se tornem globais e alcançando ativistas pelo mundo.

Segundo Medeiros (2013, p. 27) “as redes sociais na internet atuam como potencializadoras de uma participação política mais efetiva e, que isso deve ser explorado de forma mais ativa”. Tal posição pode indicar a utilização efetiva das redes digitais pelos cidadãos, procurando participar ativamente das ações públicas redigidas pelo Estado.

Com a internet e as mídias digitais, as formas de comunicação e consumo de informação se modificaram, deixando de ser unilaterais – marca dos meios de comunicação de massa – e passam a ser mais participativas e democráticas. Mesmo que de maneira limitada, considerando os problemas de acesso à rede, acessibilidade, usabilidade e conhecimento do usuário, a internet possibilita participação e interação entre os indivíduos, sendo uma forma de comunicação rápida, prática e sem barreiras geográficas. Esse ambiente *online* modificou a maneira como sujeitos e grupos sociais manifestam as suas demandas políticas e sociais. Neste contexto, surge o ativismo que ganha espaço privilegiado na internet e a atuação dos movimentos sociais passa a ser mais abrangente ocupando os espaços *online* (na internet) e *offline* (nas ruas).

A internet também pode funcionar como ferramenta mediadora entre Estado e sociedade civil, proporcionando uma aproximação com o Governo. As redes sociais fizeram com que pautas, antes não presentes nas agendas de discussão políticas que subsidiam a formação de políticas públicas, agora fossem inseridas no debate público.

3. APP-SINDICATO E A GREVE DOS PROFESSORES DO PARANÁ (2015)

O Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná foi fundado como Associação dos Professores do Paraná em 26 de abril de 1947, pouco depois da queda do presidente Getúlio Vargas. Em 1989, um ano depois da promulgação da Constituição de 1988, que permitiu a organização sindical de servidores públicos, tornou-se sindicato, representando exclusivamente os professores. Em 1997, professores e servidores se unificam sob a mesma entidade, a APP-Sindicato¹. Hoje, a entidade representa cerca de um terço do funcionalismo público paranaense, algo em torno de 120 mil professores e servidores na ativa, além de profissionais da educação de prefeituras de cerca de 200 cidades paranaenses.

A entidade tem uma direção estadual e é dividida em 29 Núcleos Sindicais relativamente independentes, cuja base territorial segue a divisão dos Núcleos Regionais de Ensino em que a Secretaria Estadual de Educação (SEED) do Paraná se divide. São quatro em Curitiba e Região Metropolitana e os demais estão localizados no interior do Estado. Os Núcleos Sindicais têm eleições próprias, o que significa que existem direções regionais que estão alinhadas ou não com a direção estadual da entidade. A direção estadual conta com 17 membros.

Como plataformas de divulgação de suas atividades *online*, a APP Sindicato

[1] Fonte: <http://appsindicato.org.br/index.php/historico/>

utiliza as redes sociais Twitter, Facebook e YouTube e também um portal da entidade (<http://appsindicato.org.br>). São cinco jornalistas que trabalham na assessoria de imprensa, que atuam sob o comando da Secretaria de Comunicação.

O período de 27 de abril a 09 de junho de 2015 foi de intensa mobilização dos trabalhadores da educação do Paraná e se configura como o segundo momento da greve, com duração de 44 dias, com o registro de 90% de adesão de educadores posicionados contrariamente à aprovação do projeto de lei que propunha a alteração do sistema previdenciário naquele Estado. A análise deste artigo privilegia o “Massacre do dia 29”, quando as mobilizações de professores e manifestantes foram reprimidas com violência por parte da Secretaria de Segurança Pública/PR.

No protesto contra a aprovação do referido projeto – sobre o qual a categoria de servidores alegou que seria colocada em risco a sustentabilidade da Previdência estadual –, os professores acamparam no Centro Cívico da capital paranaense, onde se localiza a Assembleia Legislativa e a sede do governo.

Em 29 de abril, quando os deputados estaduais decidiram votar o projeto, foi montado um cerco no prédio da Assembleia Legislativa, com aproximadamente 1.100 policiais militares. A medida foi justificada pelo governo como cumprimento a uma decisão judicial que previa autorização do uso de força policial caso houvesse ocupação da Casa. No mês de fevereiro, servidores ocuparam o plenário da Assembleia Legislativa a fim de evitar a votação de um pacote de ajuste fiscal.

Por volta de duas horas, os policiais dispersaram os manifestantes que estavam

acampados com bombas de gás lacrimogêneo, balas de borracha e cães, mesmo depois de eles terem recuado. O confronto teria se iniciado devido à tentativa de um grupo ultrapassar a área de isolamento. Ainda durante o bombardeio, os deputados aprovaram as mudanças na Paraná Previdência e o projeto de lei foi sancionado pelo governador Beto Richa (PSDB) menos de 24 horas após o protesto, que deixou mais de 200 pessoas feridas. A APP-Sindicato, principal entidade sindical que representa a categoria mais numerosa do funcionalismo público paranaense, utilizou as redes sociais para alavancar suas ações.

4. REDES SOCIAIS DIGITAIS E APP-SINDICATO: FACEBOOK, YOUTUBE E WEBSITE DA ENTIDADE

Nesta seção apresentamos a conceituação e caracterização das redes sociais e destacamos as três principais plataformas online utilizadas pelo APP-Sindicato durante o período da greve dos professores em 2015.

Dada a relevância do papel das redes sociais nesse cenário, é necessária a conceituação sobre os sites que conseguem reunir, organizar e dar visibilidade a essas redes. Tais sites foram denominados redes sociais. Recuero (2014; 2011) define redes sociais como locais através dos quais as pessoas criam perfis, que são suas representações, tornam públicos tais perfis e utilizam as plataformas das redes como espaços para conversação, nos quais “novos usos e novos sentidos são construídos nas ferramentas,

de modo a permitir que os elementos da conversação, como a interação entre dois ou mais sujeitos, sua organização” (RECUERO, 2014, p. 116).

As TIC tornaram possível uma forma de conversação sem a necessária presença física ou oral das pessoas. Tais conversas utilizam *emotions* e outras ferramentas e passaram a ser comparadas com a conversação oral. “Dizemos que a conversação mediada pelo computador é, assim, uma apropriação, ou seja, uma adaptação de meios que originalmente são textuais e não propícios às interações orais para um fim, que é aquele da conversação” (RECUERO, 2014, p. 115).

As conversações ocorrem tanto em tempo real, quando as pessoas estão ao mesmo tempo em contato, como de forma assíncrona, como e-mail ou mensagens. Ou seja, “(...) nas redes entre os diversos grupos, migram e tornam-se conversações cada vez mais públicas, moldam e expressam opiniões, geram debates e amplificam ideias” que são conversações que se expandem e podem adquirir contornos gigantescos com a participação de milhares de pessoas e interações (RECUERO, 2014, p. 116). De acordo com Luvizotto e Vidotti (2010) essa interação realizada a partir das redes sociais é caracterizada não apenas pelas mensagens trocadas (o conteúdo) e pelos integrantes da rede que se encontram em contextos geográfico, social, político e temporal diferentes. Esta interação é caracterizada também pelo relacionamento que existe entre os integrantes.

Compreende-se que as redes sociais configuram-se como “elementos constitutivos de demandas sociais específicas e parte integrante do discurso de determinados movimentos sociais”. Para que um indivíduo ou um movimento integre uma rede

social é preciso a “existência de intenções, interesses e necessidades dos potenciais membros, capazes de sustentar vínculos identitários e sentimentos de pertencimento” (ROTHBERG et. al, 2014, p. 231). Neste sentido, enquanto houver identificação e sentimento de pertencimento, os sujeitos permanecerão integrados na rede social seja ela digital ou não.

Especificamente no caso das redes sociais digitais destacam-se os casos do Facebook e do YouTube, por serem as redes mais usadas pela APP-Sindicado durante o período em questão. Ainda, daremos destaque ao ambiente informacional digital que se caracteriza como website da entidade.

Se sites de rede social potencializam novas formas de conexão, manutenção e geração de valores, pois “os atores participam de grupos e redes porque percebem valores constituídos nessas ações, que são acessíveis a eles. Fazer parte de uma rede, estar conectado, é um valor por si”, ou seja, quanto mais contatos, maior a conexão e maior o capital social (RECUERO, 2014, p. 116). O Facebook torna mais fácil a manutenção das conexões sociais já existentes. Por outro lado, este não é o único valor discutido em sites de rede social. Ao permitir a manutenção, ela também facilita a associação com outros atores que não conhecemos ou que conhecemos muito pouco e com os quais dificilmente teríamos oportunidade de aprofundar os laços sociais. Essa associação também produz tipos de valores diferenciados e relevantes para os atores (RECUERO, 2014, p. 117).

Redes sociais podem engrandecer a reputação dos atores. “Os sites de rede social, assim, permitiriam aos atores que maximizassem o capital social a que tem

acesso na medida em que sustentam mais conexões do que seria possível obter no espaço offline” (RECUERO, 2014, p. 118).

A *Fanpage* da APP-Sindicato registrava até 11 de junho de 2017, 107.918² seguidores. Para situar as particularidades da ferramenta, são apresentadas a definição e um breve histórico do surgimento do Facebook.

Com mais de 800 milhões de utilizadores ativos, o Facebook é caracterizado como um website que interliga páginas de perfil dos seus utilizadores, os quais fazem publicações de informações em seus perfis, bem como relacionam os próprios perfis ao de outros.

“No essencial, a experiência do Facebook permite que os utilizadores se envolvam em três tipos de atividades: publicar informação pessoal relevante numa página individual com o seu perfil, ligar-se a outros utilizadores e criar listas de amigos, e interagir com outros utilizadores” (BUFFARDI e CAMPBELL, 2008; TUFEKCI, 2008 apud CORREIA e MOREIRA, 2014, p. 168).

O surgimento do Facebook está ligado ao website denominado Facemash, criado pelo estudante de Harvard Mark Zuckerberg, e pelos seus colegas Andrew McCollum, Chris Hughes e Dustin Moskovitz em 28 de outubro de 2003. A proposta de Zuckerberg, que cursava o segundo ano do curso de Psicologia, foi apresentar aos estudantes de Harvard uma votação da pessoa mais atraente, conforme duas fotografias de identificação obtidas junto a base de dados da instituição. Zuckerberg criou um novo website, chamado Thefacebook, em

janeiro de 2004. No entanto, neste cumpria as regras de segurança e privacidade de Harvard. Sua divulgação teve início por meio de listas de e-mails, e um mês depois do seu surgimento expandiu para outras universidades.

Em 2005, a denominação foi alterada para apenas Facebook, permitindo o acesso de mais de 800 redes universitárias. Já em 2006 houve expansão do acesso a internautas acima de 13 anos e com um endereço de e-mail válido.

A APP-Sindicato criou dois canais no YouTube. O canal chamado TV APP³ foi aberto em 11 de março de 2015 e até 14 de junho de 2017 contava com 152 inscritos e 45.356 visualizações em seis vídeos postados – o canal está aparentemente abandonado, a última postagem tem um ano, mas nesse canal é possível encontrar um documento histórico: a gravação do Massacre de 29 de abril, que foi transmitida ao vivo, no canal. São 2h48min de gravação, num vídeo que teve 17.619 visualizações até 14 de junho⁴. Já o canal Galha da APP⁵, que é o mais utilizado, foi aberto em 10 de setembro de 2013. Tem 675 inscritos e os 194 vídeos postados no canal obtiveram 229.715 visualizações.

Criado em fevereiro de 2005, o YouTube é um site de difusão e compartilhamento de arquivos audiovisuais baseados “na participação dos internautas como provedores de conteúdo. Criado por três jovens programadores (Chad Hurley, Steve Chen, Jawed Karim), o site fez tanto sucesso em

[2] <https://www.facebook.com/appsindicato>

[3] <https://www.youtube.com/channel/UCj8HIRA-aWiKFhv0jWw6jfrA/feed>

[4] <https://www.youtube.com/watch?v=SXIV1gt9u0Q>

[5] <https://www.youtube.com/channel/UCj8HIRA-aWiKFhv0jWw6jfrA/feed>

tão curto período de tempo que, em Outubro de 2006, a empresa Google o comprou pela quantia de US\$1,65 bilhão em ações” (BRESSAN, 2007, p. 02).

No canal da APP, apesar de ser registrada uma produção significativa de vídeos, a potencialidade de integração dessa plataforma com o site foi pouco explorada. Isso ocorreu devido ao fato de não haver qualquer ferramenta que fizesse a correlação para o canal do YouTube. No entanto, em 29 de abril, o vídeo transmitido ao vivo com duração de 2 horas e 48 minutos registrou mais de 17 mil visualizações no canal. A transmissão em tempo real de assembleias também foi muito utilizada pelo movimento. Essa particularidade é explicada por Bressan: “a influência do site não só contribuiu com uma maior participação e/ou interação de usuários, mas também com uma expansão de sites com o mesmo objetivo: a difusão *online* de vídeos de internautas” (BRESSAN, 2007, p. 04).

Já o website da APP-Sindicato⁶ apresenta seções com as notícias a respeito das ações do movimento, boletins eletrônicos, bem como informações jurídicas, educacionais e as que dizem respeito aos núcleos sindicais do Estado. No entanto, não possui ferramentas que permitem o compartilhamento dos textos, tanto na Fanpage como no perfil do Twitter. Apenas no canto direito inferior da página, disponibiliza links para os perfis das redes sociais.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO: A AÇÃO DA APP-SINDICATO ONLINE

A APP-Sindicato conta com uma página na internet (www.appsindicato.org.br), uma Webrádio (Webrádio APP), um canal no YouTube (TV APP), além de perfis no Twitter e no Facebook. O website da entidade é o espaço virtual que procura concentrar todos os canais. Nele é possível encontrar links para os perfis nas redes sociais, além das informações sobre a diretoria e versões em PDF dos boletins. No entanto, devido à arquitetura da página, as notícias postadas no site não oferecem link de compartilhamento com as redes sociais, apenas encaminham para impressão ou para “envio para um amigo”, o que faz com que as redes não dialoguem entre si. Na rádio, mesmo durante o período da greve de 2015 só foi possível encontrar programação musical. Daremos destaque à cobertura feita no dia 29 de abril de 2015 por haver maior movimentação nas plataformas *online* da APP-Sindicato.

O recorte do trabalho retroage ao dia 27 de abril, quando professores da rede estadual de ensino do Paraná começam a chegar a Curitiba e organizam o acampamento na Praça 19 de Dezembro (referência ao aniversário da emancipação do estado). Entre as 15 postagens feitas nessa data, a de maior repercussão foi publicada às 11h31. Nela a APP-Sindicato divulga um vídeo da chegada dos professores, em passeata, ao Centro Cívico. No vídeo, a multidão canta a música “Pra não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré. Quando a *fanpage* da entidade foi analisada, em junho de 2015, o vídeo tinha sido visualizado 63.916 vezes, recebeu 1.365 curtidas e 1.827 compartilhamentos.

[6] <http://appsindicato.org.br>

Nos primeiros comentários, professores relatam como está a greve em suas cidades, tentam motivar seus colegas que estão em Curitiba e perguntam sobre a adesão de outras categorias do funcionalismo e seus sindicatos à mobilização. As postagens foram feitas entre às 8h e às 17h35.

No dia 28 de abril, véspera do que os professores e entidades sindicais representativas do funcionalismo público do Paraná chamam de “massacre do Centro Cívico”, 21 postagens mostram os primeiros sinais da reação do governo aos manifestantes. Quase metade das postagens (nove) foram feitas durante a madrugada, entre 1h37 e 6h. Elas relatam, principalmente em vídeos gravados de telefones celulares, um conflito ocorrido na madrugada, quando a Polícia Militar tentou avançar o cerco e retirar um dos carros de som usados pela APP-Sindicato nas manifestações. Na primeira postagem, feita à 1h37, fotos mostram policiais empurrando professores, minutos depois do acontecimento. À 1h40 uma postagem só com texto classifica o episódio como “covardia”, e 6 minutos depois da primeira postagem, a 1h43, a entidade divulga o primeiro vídeo, com 19 segundos de duração e que teve 25.447 visualizações. Em outro vídeo, postado uma hora depois, os policiais estão retirando o carro de som. Um professor pergunta a base legal para a retirada e o policial se engana, respondendo “eu faço a lei”. Depois ele se corrige e diz que cumpre a lei. O vídeo recebeu 52.509 visualizações. No último vídeo da madrugada, às 5h50, uma diretora da APP explica os fatos da madrugada. O vídeo recebeu 80.268 visualizações.

O dia 28 de abril teria outro episódio importante. Por volta das 11 horas, professores tentaram se aproximar do Centro

Cívico em passeata e a PM reagiu com as primeiras bombas de gás lacrimogêneo e jatos de água. Uma repórter da RPC (Rede Paranaense de Comunicação, retransmissora da TV Globo no Paraná) foi atingida por um jato de água da PM, imagem que foi usada no Paraná TV Primeira Edição, telejornal veiculado na hora do almoço e replicada na *fanpage* da APP-Sindicato, tendo como resultado 228.907 visualizações, volume superior à população de Guarapuava, cidade paranaense de médio porte (a estimativa do IBGE para 2016 é de que Guarapuava tenha 178 mil habitantes).

Em uma das últimas postagens do dia, a 19ª, feita às 17h21, a APP-Sindicato mostra o seu presidente, Hermes Leão, pedindo reforço para o movimento grevista e convoca a categoria para acompanhar a votação do projeto de lei, no dia seguinte, no Centro Cívico. O vídeo teve 71.331 visualizações e a postagem foi compartilhada 3.202 vezes. A última postagem de 28 de abril foi às 21h12.

No dia 29 de abril, data que ficou marcada pelo forte ataque da tropa de choque aos professores (foram duas horas de bombardeio com bombas de gás lacrimogêneo, foram feitas 53 postagens, mais que a soma dos dois dias anteriores (15 no dia 27 e 21 no dia 28). A grande maioria das postagens (45) foi feita depois das 15h, minutos depois de a PM iniciar o ataque aos professores. “O ataque aos(as) trabalhadores(as) começou. A polícia dispara bombas, bala de borracha e spray de pimenta. A situação é caótica. Os primeiros feridos(as) estão sendo atendidos por ambulância atrás do carro de som da APP-Sindicato”, diz o texto da postagem que teve 235 compartilhamentos. Foram 14 postagens entre as 15h e as 16h, a primeira hora do conflito, com informações em

[FIGURA 01] FACEBOOK – POSTAGEM: VÍDEO PRODUZIDO DURANTE O ATAQUE DA PM AOS PROFESSORES QUE PROTESTAVAM EM FRENTE CONTRA A VOTAÇÃO DAS MUDANÇAS NA PREVIDÊNCIA (29 DE ABRIL DE 2015).

The image is a screenshot of a Facebook post from the page 'APP-Sindicato'. The post is a video titled 'Socorro, Brasil!' posted on April 29, 2015, at 15:45. The video shows a street scene with people, some appearing to be in conflict or distress. The post has 75,744 views, 1,474 likes, and 2,281 shares. The left sidebar shows the page's profile information, including 76,000 likes and 3,708 check-ins. The right sidebar shows a recent year list and a sponsored advertisement for Stella Artois beer.

Fonte: <https://www.facebook.com/appsindicato>. Acesso em 29 de abril de 2015.

tempo real dos acontecimentos. Às 15h25, a APP-Sindicato já pede ajuda à Prefeitura de Curitiba, cuja sede fica próxima ao Centro Cívico⁷. Às 15h45 foi postado o primeiro vídeo com imagens do conflito, com 28 segundos de duração e a chamada “socorro, Brasil!”, material que teve 75.744 visualizações e 2.281 compartilhamentos. Às 15h47, um tipo de postagem que caracteriza prestação de serviços, só com texto, tratando da inexistência de informações oficiais sobre a gravidade da situação dos feridos e negan-

do a existência de vítimas fatais. “Por favor, não vamos espalhar informações falsas”, diz o texto.

Na segunda hora do conflito as postagens pedem atendimento médico, atualizam o número de feridos e repercutem os acontecimentos a partir da fala de deputados estaduais da oposição. Também há registros de que a polícia militar lançou bombas de gás lacrimogêneo perto do prédio da Prefeitura de Curitiba (onde manifestantes se abrigaram) e vídeos mostrando que, do carro de som, líderes sindicais pedem para que professores recuem e a polícia pare de atacar. Em um desses vídeos, com 1min31s de duração, dirigentes sindicais chamam atenção do Judiciário, cuja

[7] O prédio da Prefeitura de Curitiba seria usado na mesma tarde como abrigo para os professores atacados pela polícia. Contribuiu para isso o fato de Gustavo Fruet, do PDT, o prefeito da capital paranaense, ser adversário político do governador Beto Richa, do PSDB.

sede fica no Centro Cívico. “Os senhores juízes devem estar nos ouvindo, não estamos na Assembleia Legislativa”, diz o dirigente. O vídeo teve 48.895 visualizações e 1.665 compartilhamentos.

A 42ª postagem do dia, um álbum com 14 fotos produzidas pelo fotógrafo Everson Bressan, da Secretaria de Comunicação Social da Prefeitura de Curitiba, com o título “novas imagens dos feridos neste dia trágico”, recebeu 8.833 compartilhamentos. A postagem informa que “a prefeitura traçou um perímetro de segurança para acesso livre, com reforço da Guarda Municipal para o que o prefeito considera uma ‘guerra sem precedentes’”. Passadas as duas horas de conflito, já no começo da noite, a APP-Sindicato começa a contar feridos, fazer um balanço dos acontecimentos e dar informações sobre assessoria jurídica.

A essa altura a *fanpage* ganha um perfil mais informativo, disparando 13 postagens entre às 15h e às 16h, algumas com intervalos de dois minutos. Note-se que a APP-Sindicato transmitia a manifestação em vídeo, ao vivo, pelo YouTube. No entanto, todos os esforços de comunicação e de informação da entidade se concentram no Facebook. O site da APP-Sindicato só vai tratar do assunto às 18h15, publicando uma nota de repúdio. No Facebook, as postagens apresentam textos curtos informando sobre o ataque. Às 15h37, a entidade informa que o helicóptero do governo lança bombas sobre os manifestantes. Um minuto depois, a entidade informa que a PM rebocou um caminhão da APP, de onde era feita a filmagem.

Os ataques duraram cerca de duas horas e as postagens desse dia, além de informar sobre a agressão da polícia, procuram prestar serviços, como por exemplo,

orientar sobre o atendimento jurídico prestado pela entidade, orientação sobre denúncias para o Ministério Público e até o combate a boatos, como o de que o conflito teria gerado vítimas fatais.

Depois que as transmissões da TV APP, pelo YouTube, foram encerradas, a entidade fez uma postagem indicando o link da TV 15, ligada ao senador e ex-governador Roberto Requião (PMDB), que estava transmitindo ao vivo, de dentro do plenário, a votação na Assembleia Legislativa do Paraná (Alep) – que teve sequência apesar da dramaticidade do momento. A *fanpage* informou, inclusive, sobre polêmicas de dentro do plenário. O líder da oposição, Tadeu Veneri (PT), disse que cinco pessoas eram mantidas presas dentro do prédio da Alep, dizendo, segundo a APP, que o prédio do parlamento “não é cadeia”. O presidente da Casa, Ademar Traiano (PSDB), respondeu que se tratava de “*black blocs*”.

Em uma das últimas postagens desse dia, a entidade trocou a foto do perfil, antes vermelha e branca com o slogan “eu tô na luta”, por outra em preto e branco e o slogan “eu tô de luto”.

Nos dias seguintes a *fanpage* da APP-Sindicato mostra a repercussão do dia 29 em todo o Estado. Foram 11 postagens no dia 30 de abril, algumas mostrando fotos de professores de escolas públicas e particulares do interior do estado, vestidos de preto, em protesto contra os episódios da véspera. Na postagem de maior repercussão do dia, num vídeo de 2min47, o presidente da APP-Sindicato, Hermes Leão, faz uma avaliação dos acontecimentos tendo um banner da entidade como fundo. O vídeo teve 2.769 compartilhamentos.

[FIGURA 012] FACEBOOK – POSTAGEM INFORMA SOBRE O ACOMPANHAMENTO DOS FERIDOS (29 DE ABRIL DE 2015).

Fonte: <https://www.facebook.com/appsindicato>. Acesso 29 de abril d3 2015.

O 1º de maio, Dia do Trabalho, foi marcado por uma grande passeata em Curitiba, em protesto contra os acontecimentos de 29 de abril. A *fanpage* recebeu 21 postagens, com fotos da manifestação na capital e informações sobre manifestações em cidades do interior. Do Rio de Janeiro, uma foto de garis em greve apoiando os professores paranaenses. A postagem afirma que eles são “perseguidos pelo governo de Eduardo Paes”, prefeito da capital fluminense. A postagem de maior repercussão foi a última do dia, que mostra uma imagem convocando um “ato nacional pela democracia e contra a agressão aos trabalhadores”, marcado para o dia 5 de maio. A postagem recebeu 1.714 compartilhamentos.

O site da entidade, com um número menor de postagens (6), traz textos que vão da convocação dos feridos para prestar

depoimento no Ministério Público (que abriu investigações para apurar responsabilidades sobre o conflito), quanto à convocação para a manifestação do dia seguinte, 1º de maio, no mesmo Centro Cívico. As 11 postagens tiveram um total de 11.757 curtidas e 5.271 compartilhamentos.

Apesar de o site ter um link para a TV APP, não há uma conexão direta com o perfil da entidade no YouTube. O link tem poucos vídeos, apesar da farta produção audiovisual feita pela entidade no período pesquisado. Durante o período analisado neste estudo, a TV APP transmitiu assembleias estaduais ao vivo e inclusive a manifestação do dia 29 de abril, que resultou no conflito no Centro Cívico de Curitiba. O vídeo, com quase três horas de duração, está no perfil do YouTube, mas não é disponibilizado de forma a facilitar o acesso do usuário. O internauta precisa

vasculhar para encontrar o material, que tem o título “#eutonaluta” e não faz nenhuma referência a um material de grande interesse, inclusive histórico.

O perfil no Twitter também não foi muito utilizado, particularmente durante o conflito ocorrido no dia 29 de abril. O número de internautas que segue o twitter da APP-Sindicato é bastante inferior ao número de seguidores da página no Facebook (1.974 seguidores no Twitter contra 72.281 curtidas no Facebook em 06 de novembro de 2015), o que justificaria a maior centralidade das postagens no Facebook.

A *fanpage* recebeu maior número de postagens (quando comparado ao site e ao YouTube), assim também mais visitas, compartilhamentos e curtidas durante o período pesquisado, isso sem contar com o volume de comentários – que não é objeto deste trabalho –, que se concentrou mais na forma de uso e no alcance das publicações.

Também é necessário destacar que a página oficial da App no Facebook utilizou vídeos e fotos de internautas que, mobilizados pelas manifestações, também agiram de maneira mais ativa no acompanhamento dos eventos.

dos ativistas e espaço para dar visibilidade a essas instituições. São várias as plataformas utilizadas pelos sindicatos, com destaque para websites, Facebook, Twitter e YouTube.

O presente estudo avaliou o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação da APP-Sindicato do Paraná durante as manifestações que buscaram pressionar deputados estaduais a votarem contra o projeto do Governo que realizou mudanças no sistema previdenciário do funcionalismo público.

Como conclusões, destacamos que não houve a gestão compartilhada entre as várias mídias utilizadas pela entidade, cujo foco de ação ocorreu em três plataformas principais: YouTube, Facebook e website.

Nas publicações, houve o protagonismo do uso da página oficial do Facebook, principalmente na semana inicial das manifestações que ficaram conhecidas como “Massacre do Centro Cívico”. No entanto, a falta de gestão das mídias de maneira coordenada desperdiçou a oportunidade de alavancar os acessos ao site da entidade e ao canal no YouTube. Como formas de aprimoramento, portanto, indicamos a gestão da mídia de maneira conjunta e a reformulação do site para que seja possível ao usuário compartilhar em outras mídias o seu conteúdo. ■

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sindicatos são estruturas tradicionais de mobilização e representação de determinadas categorias. Com o advento das mídias sociais, no entanto, houve um incremento na divulgação de suas ações, mobilização

Partes deste artigo foram publicadas no Seminário Internacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais, em 2015, e no IX Simpósio Nacional ABCiber, em 2016.

[CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO]

Socióloga. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação na mesma instituição. É líder do Grupo de Pesquisa Comunicação Midiática e Movimentos Sociais – ComMov.
E.mail: caroline@faac.unesp.br

[FÁBIO ALVES SILVEIRA]

Jornalista. Doutorando em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Câmpus Bauru. Foi docente do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL) entre 2011 e 2016.
E.mail: fapoars@hotmail.com

[KÁTIA VIVIANE DA SILVA VANZINI]

Jornalista. Mestre e Doutoranda em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Câmpus Bauru. Membro do grupo de pesquisa Comunicação Midiática e Movimentos Sociais da UNESP.
E.mail: katiavanzini@gmail.com

[PRISCILA SANTANA CALDEIRA]

Jornalista, especialista em Mídia, Informação e Cultura pela Universidade de São Paulo (USP). Mestranda em Comunicação pela UNESP, Câmpus Bauru. É membro do grupo de pesquisa Comunicação Midiática e Movimentos Sociais da UNESP.
E.mail: priscila.uepg@gmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDENAVE, Juan e Diaz. **O que é participação**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BRESSAN, Renato Teixeira. **YouTube**: intervenções e ativismos, Juiz de Fora. Disponível em: <http://www.petfacomufjf.com/wordpress/arquivos/artigos/Artigo_1_You_Tube.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2015.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança** – Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CORREIA, Pedro Miguel Alves Ribeiro; MOREIRA, Maria Faia Rafael. Novas formas de comunicação: história do Facebook – Uma história necessariamente breve. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v. 14, n.28, p. 168 a 187, jan./jun. 2014 Disponível em: <<http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu%2028%20-%20168-187.pdf>>. Acesso em: 22 ago. de 2015

DEMO, Pedro. **Participação é conquista**: noções de política social participativa. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. 5. ed. São Paulo: Loyola, abril de 2006.

_____. **O protagonismo da sociedade civil** – movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus; VIDOTTI, Silvana Ap. Borsetti Gregório. Redes sociais e comunidades virtuais para a preservação e transmissão das tradições gaúchas na Internet. **Informação & Sociedade**, v. 20, p. 77-88, 2010.

MEDEIROS, Jackson da Silva. **Considerações sobre a esfera pública**: redes sociais na internet e participação política. *TransInformação*, Campinas, 25 (1):27-33, jan/abr.,2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-37862013000100003&script=sci_arttext> Acesso em: 13 mai.2015.

MORAES, Denis. (org.) **Por uma outra comunicação** – mídia, mundialização cultural e poder. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

PEREIRA, Marcus Abílio. Internet e mobilização política – os movimentos sociais na era digital. In: IV Encontro da Compolítica, 2011, Rio de Janeiro. **Anais do IV Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política**, 2011.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. In: **Verso e Reverso, XXVIII(68):114124, maio/agosto 2014**. Página 114 a 124.

ROTHBERG, Danilo. *et al.* As revoltas e seu impacto sobre a comunicação pública: o potencial do Observatório Participativo da Juventude In: **Liinc em Revista**, vol. 10, nº 1, pp. 227-240, 2014.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, v. 21, n. 1, p. 109-130, 2006.

SEGURADO, Rosemary.; BACHINI, Natacha.; ARAÚJO, Rafael de Paula Aguiar. A representação e a rede: a liderança política nos movimentos sociais contemporâneos. In: **Anais do VI Congresso da Compolítica** (2105). Disponível em: http://www.compolitica.org/home/?page_id=1672. Acesso jun. 2015

SHIRKY, Clay. **A Cultura da Participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SOUZA, Maria Antonia. **Movimentos sociais e sociedade civil**. Curitiba. IESDE Brasil S.A., 2008, 164 p.

YOUNG, Iris Marion. Activists challenge deliberative democracy. **Political Theory**. 29 (2), p. 670-690, 2001.